SEGUNDA, 01 DE FEVEREIRO

DE DEUS PARA MIM E DE MIM PARA OS OUTROS

*“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações.” (2 Coríntios 1.3-4)*

Se queremos experimentar o verdadeiro significado de crer e andar com Deus devemos nos perguntar onde está o outro em nossa vida. Pois na experiência com o “Deus Conosco” o “uns aos outros” não é dispensável. De forma alguma. Por isso o apostolo Paulo desenvolveu um extenso ensino sobre nosso dever de amar, servir, perdoar, consolar, enfim, participar uns da vida dos outros. João foi mais além: disse que, o que autentica o amor a Deus como verdadeiro e não como apenas uma ilusão religiosa, é o amor ao próximo (1Jo 4.20-21). Portanto, na fé cristã o “eu e Deus” me levará ao “eu e você”, necessariamente. Afinal, “andar” com Deus mudará nossa vida e nosso modo de “andar” com os outros. As evidências de quem anda com Deus estão no modo com anda com as pessoas. O fruto da presença do Espírito Santo aponta para o modo como lidamos com a vida e com as pessoas. Não se trata apenas de “qualidades morais”.

Em outras palavras, só estaremos verdadeiramente nos relacionando como Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, se demonstrarmos em nossos relacionamentos a misericórdia e a consolação que experimentamos em nosso relacionamento com Deus. Afinal, Ele é o “Pai das misericórdias e Deus de toda consolação”! Não há como andarmos com Deus sem recebermos ambas, e em grande quantidade. Jeremias disse que as misericórdias de Deus renovam-se diariamente sobre nós(Lm 3.22) e são inesgotáveis!(v.23) A Bíblia diz algumas vezes que Deus é duro e diz inúmeras vezes e de forma mais contundente ainda que Ele é misericordioso. E o quanto Ele é “fogo consumidor”(Hb 12.29) torna ainda mais bela a Sua misericórdia. Se posso andar com Deus e conhece-lo e você também pode, é devido à Sua imensa misericórdia! Jesus revelou-nos o prazer de Deus em ter misericórdia e consolar. Falou-nos de Deus como o Pai do filho pródigo, como o pastor que não desiste da ovelha perdida!

Por isso, a verdadeira face de um cristão, de um seguidor de Jesus, não é a face da dureza, severidade e aspereza. Somos parecido com Deus não pela rigidez, mas se somos misericordiosos e consoladores. Que grande oportunidade temos como cristãos, pois este mundo precisa de pessoas parecidas com Deus! Só há pecadores aqui e há muitas dores entre nos. Faltam misericórdia e consolo por todos os lados. Há muitas vozes vendendo um deus que livra da dor e tão poucas pessoas tendo misericórdia e consolando os que sofrem. Como cristãos somos chamados a ofertar aos outros a misericórdia e o consolo que recebemos de Deus. Por isso, não devemos crer sozinhos, viver uma fé individualizada! Devemos nos incluir e incluir outros na comunhão de fé para juntos sermos igreja – pessoas unidas pela fé. E assim, unidos, manifestar uns aos outros e a todos o que temos encontrado em Deus: misericórdia e consolo.

*ucs*

TERÇA, 02 DE FEVEREIRO

COMO UM CORPO

*“Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros.” (Romanos 12.4-5)*

O Evangelho de Jesus Cristo nos fala de reconciliação. Declara que, por meio do sacrifício de Jesus, o Cordeiro de Deus (Jo 1.29), somos reconciliados, o que significa que podemos nos relacionar livremente com Deus e aprender a desfrutar de Sua presença em nossa vida(Rm 5.1). O relacionamento com Deus envolve muitas coisas: arrependimento, perdão, direção, consolo, vocação, serviço, paz, segurança, esperança, etc.. Creio que você esteja me entendendo: nossa vida é envolvida pelo que chamamos de Reino de Deus e passamos a lidar com o Deus que nos ama e que tem opiniões sobre nossa vida! Dele vem o propósito que nos guia. O Evangelho de Jesus nos fala sobre viver como amigos de Deus, de maneira que, vivendo, o adoramos. Na experiência cristã a adoração é resultado de uma vida orientada pela reconciliação com Deus!

Mas o Evangelho de Jesus não nos reconcilia apenas com Deus. Ele nos reconcilia com as pessoas ao nosso redor e nos conecta a uma comunidade de fé: pessoas que, por sua fé, vivem pelos mesmos propósitos. A figura usada por Paulo é a de um corpo. Ser igreja é ser corpo para Cristo agir na história. Ser membro de um corpo significa viver de forma interdependente, agindo em conjunto, em cooperação. Quando mais harmonia, quando mais equilíbrio, quanto mais os membros se apoiam e agem em conjunto, mas forte e capaz é o corpo. E assim pode realizar coisas incríveis! Nenhuma parte é sem importância ou dispensável. Nenhuma colaboração é dispensável ou sem valor. Todos somos importantes no Corpo de Cristo e fazemos muita falta. Quando nos negamos a ele, causamos perdas e perdemos.

Essa é uma dimensão de nossa vida de fé que não deve ser ignorada. Além de nos equipar para vivermos como cidadãos do Reino em meio à sociedade, em nosso mundo privado, em nossa família e trabalho, somos chamados a viver envolvidos e servindo a uma comunidade de fé e por meio dela. Uma igreja é como um corpo: se pode contar com o melhor de cada membro, protagoniza grandes realizações. Tudo isso deve ser para a honra de Deus, para a manifestação do Seu Reino. Tudo começa com nossa presença, compromisso e disposição em cooperar. E então Deus, por sua imensa bondade e por meio da influência do Espírito Santo, vai nos levando a funcionar da maneira que devemos. É assim que existiremos como igreja de Cristo. Não se trata de ser uma instituição religiosa e de ter programas atraentes. Mas de sermos pessoas unidas e interessadas umas nas outras, sob o cuidado, graça e presença do nosso amoroso Deus. Sendo assim, que cada um de nós ocupe seu lugar e que Deus seja honrado!

*ucs*

QUARTA, 03 DE FEVEREIRO

DÊ A PREFERÊNCIA

*“Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios.” (Romanos 12.10)*

Para que funcionemos bem como sociedade e também como comunidade cristã, precisamos aprender a dar a preferência ao outro. Tomemos como exemplo a regulamentação de transito. Nela há um sinal de “dar preferência”: um triangulo invertido – base para cima e vértice para baixo. Diante dele, como deve o condutor agir? O condutor tem a obrigação de dar preferência de passagem ao veículo que circula na via em que vai entrar ou cruzar, devendo para tanto reduzir a velocidade ou parar seu veículo, se necessário. A cruz de Cristo deve significa muitas coisas para nós. Entre elas, que devemos aprender a dar a preferência ao nosso irmão, ao nosso próximo.

A desobediência ao sinal de dar preferencia no trânsito tem causado muitos acidentes e desentendimentos. A desobediência não se dá por desconhecimento, mas por pressa, desatenção e, principalmente, por má educação no transito. Na igreja e na sociedade a falta de consideração pelo outro também causa perdas e danos e se dá por razões parecidas. Revelamos má educação para a vida, egoísmo, necessidade de nos afirmar e outros vícios. Quando agimos assim a vida fica pior, o ambiente que frequentamos fica menos saudável. Há menos alegria, gratidão e cordialidade e sobram individualismo, desinteresse e egoísmo. Focamos em coisas e esquecemos as pessoas. Nos apaixonamos por ilusões e o amor nem de perto é nossa prioridade. Precisamos pisar no freio dessa vida equivocada. Precisamos reduzir a velocidade e parar, se necessário. O próximo é prioridade e importa demais para que o ignoremos.

Em vista do que Jesus fez por nós o apóstolo Paulo nos orienta a dar a preferência, pois foi exatamente o que Deus fez por nós por meio de Cristo. Ele esvaziou-se a si mesmo e voluntariamente assumiu o lugar de servo. Foi obediente até a última consequência. Ele sofreu e morreu por todos nós! Nenhum de nós merecia e muitos poucos entre nós são gratos! O sinal de nossa gratidão é sermos seus imitadores. Ele se dedicou a nós e nós devemos nos dedicar uns aos outros. Ele o fez com amor e é como devemos fazer. Podemos e devemos aprender a amar com dedicação e nos dedicar com amor. Podemos e devemos dar a preferência ao outro. Não é vivendo apenas para nós mesmos, de forma egoísta, que encontraremos vida e significado. É nos dirigindo também ao outro, ouvindo mais, aceitando mais, servindo mais, amando mais. Dê a preferência e ame. Se não tem feito isso, comece hoje!

*ucs*

QUINTA, 04 DE FEVEREIRO

APRENDENDO A SER BONDOSOS

*“Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade. Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram.” (Romanos 12.13-15)*

Deus é bom. Essa afirmação tão simples sobre Deus desafia a mentalidade humana, que pouco conhece de bondade. Imaginamos a bondade quase sempre como sendo apenas a atitude de alguém em fazer algo bom em favor do outro. Mas bondade é, quando pensamos em Deus, uma forma de se relacionar fundamentada no amor. É mais que apenas fazer algo bom. Por isso dizemos que Deus é bom o tempo todo. Essa é uma certeza da fé cristã, porque expressa não o que entendemos que Deus faz, mas o quem cremos que Ele é. Mesmo quando não faz o bem que entendemos que poderia fazer, Ele é bom. Não entendemos isso pois somos seres de uma outra categoria, que mesmo fazendo o bem a alguém, podemos estar sendo maus. Jesus disse: "Não há ninguém que seja bom, a não ser somente Deus.” (Lc 18.19)

Mas Deus deseja que aprendamos a ser bons. Uma das características do fruto do Espírito comentado por Paulo é a bondade (Gl 5.22). Deus quer nos influenciar para que sejamos bondosos, quer nos capacitar com Sua presença em nossa vida. E também, como parte de nosso aprendizado para que sejamos bondosos, temos algumas importantes orientações nos ensinos do Novo Testamento. Nossa bondade depende da ação de Deus em nossa vida e também das atitudes corretas em nosso relacionamento uns com os outros. Na perspectiva da fé cristã devemos ser bondosos com amigos, desconhecidos, familiares e até pessoas que não são bondosas conosco. Não é nada simples esse aprendizado.

As necessidades de nossos irmãos de fé devem receber nossa atenção e, se temos como ajudar, devemos faze-lo. Devemos ser hospitaleiros, algo praticado por poucos hoje em dia. Hebreus diz que não devemos nos esquecer da hospitalidade pois na história de fé, alguns, por serem hospitaleiros, sem o saber, hospedaram anjos (Hb 13.2). Se alguém nos persegue e procura nos prejudicar, devemos ter cuidado e nutrir desejos bons para com eles, devemos abençoa-los, em lugar de maldizer ou amaldiçoar. Devemos partilhar a vida, alegrando-nos com os que se alegram e chorando com os que choram. E assim que aprenderemos sobre bondade e como ser bondosos. O mundo está precisando muito de bondosos! Religiosos ele já tem de sobra! A real evidência de que seguimos está no tipo de pessoa que somos na relação uns com outros. Que a bondade prevaleça e a maldade perca lugar em nossa vida!

ucs

SEXTA, 05 DE FEVEREIRO

ACEITAÇÃO, PARA QUE HAJA ADORAÇÃO

*“Portanto, aceitem-se uns aos outros, da mesma forma como Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus. (...) Portanto, deixemos de julgar uns aos outros. Em vez disso, façamos o propósito de não colocar pedra de tropeço ou obstáculo no caminho do irmão.” (Romanos 14.7 e 13)*

Porque o mandamento fundamental da fé cristã é o amor, a vida cristã não se resume e não pode ser verdadeiramente vivida por meio de atividades religiosas. A vida cristã é vivida na relação que temos uns com os outros. No modo como nos tratamos. É daí também que vem a nossa adoração a Deus, que valida a adoração que pretendemos prestar a Ele quando cantamos músicas cristãs. Por isso Paulo diz que devemos nos aceitar para que possamos glorificar a Deus. A fé cristã torna cristã a vida, toda a vida, e principalmente os relacionamentos e atitudes. Sabendo disso, Paulo escreveu aos cristãos de Roma sobre o modo que deveriam se relacionar, sobre a atitude correta ao lidar com um irmão. Como igreja cristã devemos exercitar isso, sendo cristãos na forma de lidar uns com os outros.

Quando se trata de alguém que se encaixa em nossos padrões, tudo fica mais fácil. Mas, e quando o irmão é diferente, pensa diferente, tem preferências e gostos que nos desagradam? E quando nossas opiniões são sempre diferentes e nossas ideias desagradam uns aos outros? E isso acontece! A orientação do apóstolo é cheia de sabedoria: aceitem-se da mesma forma que foram aceitos por Cristo. Fomos aceitos em nossa desarmonia com Ele. E mesmo depois de muito tempo, ainda temos divergências com Jesus. Não somos os seguidores que deveríamos ser e muitas vezes agimos diferente de como Ele agiria. Mas Ele nos aceita e devemos aceitar uns aos outros. Somos incompatíveis e isso não deveria nos espantar. Mas podemos nos harmonizar inspirados em Jesus. E isso é resultado de aceitação mútua e não de pressão mútua. A rejeição jamais nos levará a amizade e sem amizade, sem confiança, não melhoraremos a vida uns dos outros.

Para nos aceitarmos melhor e mais, devemos parar imediatamente de nos julgar. A atitude julgadora facilmente torna-se um vício. Nos tornamos muito rápidos em avaliar e dar nosso parecer sobre a vida, a aparência ou alguma atitude do irmão. E raramente fazemos isso como algo positivo, que valoriza e aprecia o irmão. Muito mais o fazemos expressando rejeição e crítica, no sentido negativo do termo. E tantas vezes carregada de preconceito – nem mesmo conhecemos de fato o outro ou suas razões. O espírito da fé cristã é outro. Somos chamados a não tornar pesada ou difícil a vida do outro. Somos chamados a nos apoiar, nos aceitar e ajudar uns aos outros. Então, lide melhor com as pessoas, especialmente as que desagradam você. Imite a aceitação e paciência do nosso Mestre! Para de falar seus julgamentos. Cale-se. Para que, com o tempo, pare também de julgar. Você conhecerá o poder e a beleza da aceitação. E como isso é uma bênção. Para você mesmo e para seus irmãos.

*ucs*

SÁBADO, 06 DE FEVEREIRO

ESFORÇO QUE COMPENSA

*“Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua.” (Romanos 14.19)*

Paulo escreveu uma definição dizendo que o Reino de Deus constitui-se de justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17). Em seguida ele afirmou o que lemos no verso de hoje. Aprendemos com seu ensino que o Reino de Deus se manifesta a partir de nós e não existirá na história humana sem que os seres humanos o promovam com suas atitudes. Por isso Paulo disse aos irmãos de Roma que se esforçassem! Precisamos praticar esforços pelo Reino de Deus entre nós. Nós que nos esforçamos por tantas coisas, suportamos tantas coisas, devemos nos perguntar se parte desses esforços, dessa disposição de suportar o que nos desagrada, está relacionada à promoção do Reino de Deus. Talvez percebamos que, muitas vezes, não está.

Não é preciso esforço para reunir pessoas que estejam dispostas a ouvir uma fofoca, a repassar uma má notícias, a estabelecer diálogos críticos e ácidos a respeito de um outro alguém. Nossas mazelas produzem frutos sem exigir muito esforço. Esforço é necessário se não queremos fazer isso, se decidimos não promover essas coisas. É preciso esforço para aprendermos a aceitar e não julgar nosso irmão. É preciso esforço para nos importar com o outro, dar tempo e valorizar nosso irmão. É preciso esforço se queremos aprender a virtude de nos alegrar com os que se alegram e de chorar com os que choram. Paulo está certo ao pedir que nos esforcemos. E seu pedido deve ser ouvido por nós como um pedido inspirado pelo próprio Deus. Há coisas que Deus realiza em nós para que sejamos melhores. Mas há outras que nós precisamos realizar e que envolverão nosso esforço, para que venhamos a ser melhores.

Paulo indica a direção que deve orientar nossos esforços: a promoção de tudo que produza como resultado a paz e a edificação mútua. E certamente não fazem parte disso a fofoca, o julgamento e o criticismo maldoso. E fazem parte coisas como: orar uns pelos outros, nos interessar uns pelos outros, perdoar, servir, cuidar, apoiar, reconhecer, encorajar, agradecer... O leque de boas coisas que podemos fazer é bem grande e algumas poderão exigir esforço. O esforço de não sermos egoístas e individualistas, por exemplo. Uma igreja é verdadeiramente cristã quando se ocupa disso, quando está comprometida em esforçar-se por isso. Em lugar de torna-se um problema por, despreocupadamente, seguir o próprio coração, procure se esforçar para ser uma bênção. Você, de forma alguma, se arrependerá dessa escolha!

*ucs*

DOMINGO, 07 DE FEVEREIRO

O DEVER DE BEIJAR

*“Saúdem uns aos outros com beijo santo.” (Romanos 16.6)*

A saudação é uma espécie de cartão de visitas de um encontro. O modo como a pessoa nos saúda e ou como a saudamos, faz toda a diferença. Há algumas formas muito boas de receber alguém e a fé cristã ensinada pelos apóstolos incluiu isso também. Paulo, repetidamente em suas cartas, orienta a saudação com o beijo santo. Uma expressão de intimidade respeitosa, que valoriza o outro. Cujo valor considera também o coração. Não é apenas dar um beijo no irmão, mas faze-lo com um coração bonito, aberto, limpo. Para que seja assim, é necessário que estejamos comprometidos com o perdão, com a aceitação, com o não julgamento. Isso nos lembra que devemos continuamente nos esforçar para melhorar nosso coração afim de que nosso beijo, de fato, seja santo.

Acredito que a melhor forma de entendermos o adjetivo “santo”, do ponto de vista prático, é associá-lo ao adjetivo “saudável”. Talvez, em função de nossa herança religiosa ou da própria história da religião, “santo” evoque mais ideias como “restrito”, “intocável”. Algo de outra espécie, diferente do comum, e que não é possível senão a um certo grupo de especiais. Mas a vida de Cristo nos ensina que santidade deve nos levar a pensar em outras coisas. Coisas como “equilibrado”, “verdadeiro” e, especialmente, “cheio de amor”. Tudo que agrada a Deus é santo e tudo que é santo, agrada a Deus. Mas nem tudo que é religioso agrada a Deus e portanto, ainda que possa corresponder às nossas ideias de santidade, não são de fato santas. Para conhecermos santidade precisamos andar com Deus. Não basta participar de liturgias e cumprir regras, submetendo-nos às doutrinas e às ideias de nossa religião ou nosso líder religioso.

O “santo” não é alguém que anda com os dentes trincados e os punhos cerrados contra sua própria natureza e contra os outros (normalmente, uma coisa leva à outra). É alguém envolvido pela leveza de ter sido perdoado, de ser amado e de pertencer a Deus. O destino do “santo” é melhorar como gente, emocionalmente, e beijar cada vez melhor. Beijar acolhendo, valorizando e tocando o coração. Beijar respeitando o outro em sua condição e aceitando-o. Beijar para que fique claro que há lugar e respeito para o outro. Este ano precisamos beijar mais, seguindo a recomendação do apóstolo. Ainda que nossos lábios não toquem o rosto do irmão. Mas que o olhar, a mão estendida, o interesse e a boa vontade para com o outro faça-o sentir-se bem-vindo e, com o tempo, encorajado a mostrar o coração, partilhar a vida e ser, conosco, um só Corpo em Cristo Jesus.

*ucs*

SEGUNDA, 08 DE FEVEREIRO

CONCORDÂNCIA, LIBERDADE E AMOR

*“Um crê que pode comer de tudo; já outro, cuja fé é fraca, come apenas alimentos vegetais. Aquele que come de tudo não deve desprezar o que não come, e aquele que não come de tudo não deve condenar aquele que come, pois Deus o aceitou.” (Romanos 14.2-3)*

O cristianismo nasceu num mundo muito religioso, politeísta, em meio a muitos templos e ritos. Ele não nasceu num mundo dominado pela racionalidade. A cultura grega foi tanto berço para a filosofia quanto para as divindades. Para o exercício da mente na tentativa de compreender a vida como para o exercício do espírito na tentativa de lidar com os deuses. As cidades, as polis gregas, tinham templos famosos e cultos dos mais diversos. Os judeus, dominados pelos romanos, viviam em meio à cultura grega, mas sua religiosidade era monoteísta, seu templo estava em Jerusalém. Tanto sua religião quanto a dos gregos e romanos envolviam diversos rituais, dias especiais, festas e alimentos. Proibições e permissões, como forma de agradar e receber aceitação divina. Foi nesse mundo intensamente religioso que o cristianismo surgiu. E nasceu rompendo com tudo isso.

Paulo, com formação e preparo para ser um líder judeu, conhecia muito bem os ritos e cerimônias judaicas, mas sua fé em Cristo levou-o a um caminho totalmente diferente e novo. Ele se percebeu livre de tudo em Cristo. Sua fé saiu dos ritos para a relação e a devoção que orientou seu estilo de vida. E não se cansou de ensinar isso a judeus e a gentios (não judeus). Combateu a tentativa dos líderes judeus, inclusive entre os apóstolos, de judaizar as igrejas. E combateu o espírito de julgamento e dominação que marcava seu passado religioso e de onde vinham também muitos dos que formaram as igrejas cristãs. Era tempo de cada um sentir-se livre para andar com Deus e buscar agradá-lo. Ele não tentou uniformizar. Eram pessoas diferentes, com convicções e hábitos diferentes. Em seus ensinos ele buscou: no essencial, concordância; no não essencial, a liberdade; e, em tudo, amor.

Por isso ele fala de comida com os cristãos de Roma. Ele considerou que Deus aceitava tanto aquele que se privava de comer algo por julgar inadequado quanto o que comia, por não ver problema algum. Ainda hoje temos irmãos que guardam dias e dietas e outros, não. Não estamos obrigados a buscar concordância de todos em tudo e não devemos colocar no nível de “essencial” aquilo que de fato não é. Quanto mais apegados a religiosidade, maior será nosso conjunto de coisas essenciais, podendo chegar a corte de cabelo, cumprimento ou tipo de roupa e muitas outras coisas. Somos chamados à maturidade, para que andemos unidos em nossa diversidade, amando-nos e assim honrando a Deus, em lugar de julgar e condenar uns aos outros. Que, orientados pelo Espírito Santo, sejamos cristãos maduros, no essencial, no não essencial e amando todos, em tudo!

*ucs*

TERÇA, 09 DE FEVEREIRO

PARADOXO DA CONVIVÊNCIA MADURA

*“Há quem considere um dia mais sagrado que outro; há quem considere iguais todos os dias. Cada um deve estar plenamente convicto em sua própria mente.” (Romanos 14.5)*

A grande maioria dos cristãos que conheço vivem sua fé envolvido numa comunidade cristã. E recomendo que assim seja, pois entendo que é também essa a recomendação das Escrituras e o caráter próprio da fé cristã. Ela é uma fé pessoal, mas também coletiva. Sua plena manifestação se dá na convivência, no caminhar junto e na cooperação. O Reino de Deus é um reino comunitário. Abraçar a fé cristã, portanto, exige que aprendamos a conviver. Na comunidade cristã o propósito não é que sejamos uniformizados e nos tornemos todos iguais uns aos outros. Somos membros do mesmo corpo, o Corpo de Cristo, como imagem de nossa vida sob a autoridade de Jesus. Mas somos membros diferentes. Nem todos somos mão, ou pé, ou olhos, ou joelho. E é isso que nos possibilita sermos corpo, como explicou Paulo (1Co 12.12).

Se não procurarmos ser pessoas maduras, capazes de lidar com os diferentes, nossa vida comunitária sofrerá e desonraremos a Deus. Não precisamos ser pessoas sem convicções para que sejamos respeitosos com os diferentes, os que discordam de nós ou tem outra posição. Não precisamos impor nossas ideias o tempo todo, pois não é este o único meio de afirmar o que cremos. Muitas vezes, a intolerância com a visão do outro e nossa insistência em impor nosso ponto de vista, pode inclusive decorrer de nossa falta de firmeza e convicção. Pensamos que, se o outro estiver certo, então estaremos errados e não queremos estar errados. Porém, há muitas questões para as quais não temos condições de decretar uma única e inquestionável resposta. Voltamos ao ponto do que é essencial e do que não é.

Quanto mais maduros, mais seguros estaremos de nossa própria posição e mais respeitosos seremos com a posição dos outros. Quanto mais maduros, mais tranquilamente conviveremos com o diferente, com o que nos parece estranho. Menos tentaremos uniformizar o mundo e até mesmo aprenderemos com a beleza de nossas diferenças. Esse é o paradoxo da convivência madura: nela a minha certeza não faz da sua uma transgressão. E é o que devemos buscar em nossa jornada. Somente Deus tem o direto de ser intolerante na comunidade cristã. Nossa intolerância é uma usurpação de Sua autoridade. E isso é grave! Podemos estar convictos em nossa própria mente e orientar nossa vida como julgarmos melhor. E, fazendo isso, devemos valorizar tanto o direito que temos de seguir esta nossa convicção, quanto respeitar o irmão, cuja convicção contraria a nossa. Que vivamos em amor e amadureçamos!

*ucs*

QUARTA, 10 DE FEVEREIRO

AMADURECIDOS PELO AMOR

*“Aquele que considera um dia como especial, para o Senhor assim o faz. Aquele que come carne, come para o Senhor, pois dá graças a Deus; e aquele que se abstém, para o Senhor se abstém, e dá graças a Deus.” (Romanos 14.6)*

Afinal, a quem queremos agradar? A Deus ou a homens? A quem queremos impressionar? Queremos a aprovação de quem? A fé cristã nos fala da importância de considerarmos nosso irmão. De, até mesmo, evitar algo que possa escandaliza-lo, mesmo que para nós mesmos não represente problema algum. Por outro lado, também nos fala sobre a importância de respeitarmos uns aos outros, dando direito uns aos outros para conduzir a própria vida conforme a própria consciência. Deus não nos colocou como árbitros da consciência um dos outros e precisamos amadurecer ao ponto de não mais nos escandalizarmos uns com os outros por qualquer coisa. É certo que quem se escandaliza, nunca considera tê-lo feito “por qualquer coisa”! Todavia, pode ser que se trate sim de “qualquer coisa”. Daí a necessidade de amadurecermos.

Lembra-se da norma: “no essencial, concordância; no não essencial, tolerância; em tudo, amor”? Pois é assim que precisamos caminhar juntos na fé. Paulo estava ajudando os cristãos romanos a perceberem o não essencial ao falar sobre os hábitos e crenças. Comer carne, guardar dias... Eles estavam julgando uns aos outros por causa dessas coisas. Paulo estava pronto a orienta-los, tendo superado seu próprio histórico como um judeu, acostumado a inúmeros ritos e proibições. Muitos cristãos, educados numa forma de crer marcada por restrições e proibições, encontram muita dificuldade em lidar com cristãos menos restritivos em seus hábitos. O essencial para alguns inclui, as vezes, coisas demais. Nenhum problema quanto a isso, desde que não julguemos nosso irmão a partir de nossa própria consciência. É preciso maturidade para não agir assim. E de onde ela nos vem?

Ela nos vem de nosso relacionamento com Deus, sem medo. Um relacionamento em que a verdade sobre mim aparece. Mas isso é difícil pois não sabemos realmente a verdade sobre nós. Não nos enxergamos e assim ignoramos nossa contradição: dizemos que amamos a Deus mas não somos amorosos com as pessoas! E Deus já disse o que pensa a respeito disso! (Mt 24.xx) Deus não se relaciona como o nosso falso-eu, com quem “gostaríamos de ser”. Ele fica nos aguardando pois só assim perceberemos como é grande sua misericórdia e graça e, de fato, saberemos o quanto somos amados. E é isso que nos amadurece e então entendemos que não devemos julgar ou rejeitar o outro. Só a ideia de fazer essas coisas nos envergonha! Afinal, Deus nos ama como somos! E é assim que uma pessoa se torna uma benção e uma igreja um lugar seguro para pecadores. Nossa fé promove a vida e possibilita transformações. Principalmente em nós mesmos!

*ucs*

QUINTA, 11 DE FEVEREIRO

LIBERDADE E TOLERÂNCIA

*“Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir.” (João 16.13)*

A história da religião tem diversas marcas. Muitas boas e muitas ruins. Pessoas buscando agradar a Deus podem fazer coisas antagônicas e, em nome de Deus, desde muito tempo, tanto se cura quanto se mata. Há quem tenha se apegado à fé devido à história que viveu com a religião e quem tenha dela se afastando, descrendo de Deus devido à incoerência de homens. As igrejas são cada vez mais diversas e, alguns ou muitas vezes, divergentes. Algumas são marcadas pela rigidez e outras pela flexibilidade. Cada uma achando que a outra foi demais para o outro lado. Não é possível caminhar em tudo isso sem equívocos, mas acredito que a tolerância e a liberdade são bem melhores que a intolerância e a rigidez. Talvez alguns entendam que há tolerância demais. Que seja. Mas ainda assim fico com esta opção. Acredito na presença e ação do Espírito Santo na vida humana. São Seus critérios, e não os humanos, que produzem vida.

A fé cristã não é a fé da imposição e do cerceamento da liberdade alheia. Não é por essa via que ela nos chama a manifestar o Reino de Deus. Ela também não é a fé que pretende reunir os melhores e descartar os piores. Nela não se vive do mérito próprio, mas dos méritos de Cristo, da Graça. Crer e formar comunidades de fé que honrem a Deus e manifestem Sua Graça não é formar comunidades fundamentadas em critérios para medir, julgar e classificar pessoas. Mas comunidades amorosas e acolhedoras, que incluem e não que diferenciam. Comunidades onde os mais maduros servem aos menos maduros. Onde, sem amor, nada tem valor, ainda que sejam línguas de anjos e homens, conhecimento e ciência, mistérios e sacrifícios (1Co 13). Comunidades em que pessoas podem ser elas mesmas enquanto são desafiadas a tornarem-se seres humanos segundo o coração de Deus. Onde cada um é livre para fazer escolhas e consciente do dever de honrar e submeter-se a Deus.

A rigidez e a intolerância na igreja jamais produzirão pessoas desse tipo. Ao contrário, formarão muitos hipócritas e cínicos. Levarão pessoas a usarem máscaras devido ao medo ou ao orgulho. Uma igreja marcada por rigidez e intolerância facilmente se tornará um ambiente desumano e artificial. Onde pretende-se entender muito de Deus e nada se entende de pessoas. Em que se pensa constantemente no céu e, ao mesmo tempo, ignora-se a realidade da vida na terra. Mas não precisa e nem deve ser assim. Deus nos amou e se humanizou em Jesus. Ele nos trouxe o Seu Reino e nos oferece vida plena (Jo 10.10) e liberdade (2 Co 3.17). Ele é o Espírito de Amor e nos guia em toda verdade. Ele é livre e não se revela ou age ao ser invocado, mas quando nos vê quebrantados. Algo que, definitivamente, não se alcança com dureza contra nós mesmo ou contra o irmão. Não tenhamos medo da liberdade e muito menos da tolerância. A falta delas é que é, de fato, prenúncio de que algo vai mal.

*ucs*

SEXTA, 12 DE FEVEREIRO

NOVAS PESSOAS, DE VELHAS PESSOAS!

*“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2 Coríntios 5.17)*

Deixar de ser quem sempre fui e vir a ser alguém novo, com novas perspectivas e modo de agir. Isto é o que acontece com pessoas que creem e comprometem-se com Jesus. Esta é a fé cristã. Todos podemos mudar de alguma forma. Esta é uma possibilidade para todo ser humano. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus e isso diz muito sobre nossas possibilidades. Mas as mudanças feitas apenas por nós mesmos, embora notáveis, alcançam apenas parte do que precisamos para a vida. Temos a possiblidade de ir além e experimentar mudanças de um tipo que somente é possível pelo envolvimento com o amor e a graça de Deus por meio de Cristo Jesus. Mudanças em níveis que envolvem quem acreditamos ser e quanto ao significado de nossa vida. Mudanças que transformam nosso modo de interpretar a existência e lidar com as circunstâncias. Paulo diz que é uma mudança que nos leva a ser uma “nova criação”.

A mudança que a fé em Cristo promove em nós, se podemos simplificar tanto assim, envolve duas realidades: à primeira eu chamaria de mudança espiritual e à segunda, que se segue à primeira, mudança histórica. A primeira caracteriza-se por uma união inquebrável com Deus, baseada em amor. Sou abraçado por Ele e recebido como Seu filho de um jeito especial. Sou filho de Deus porque minha vida veio dele, o Criador. Neste sentido, todo ser humano é filho de Deus. Mas, pela fé, volto para Ele ainda em vida, para viver sob Seus cuidados e influência (Jo 1.10-13). Isso muda o que acredito sobre quem sou. A partir daí mudanças acontecerão em minha forma de compreender e viver a vida. Serei desafiado a submeter-me ao que for capaz de compreender como vontade de Deus, o que envolverá todos os aspectos de minha vida e, especialmente, meus relacionamentos. É uma mudança sobre o que acredito ser a vida.

A partir daí uma nova pessoa começa a se formar em mim, superando a velha. Vou amadurecendo para amar a Deus mais que tudo, amar a mim mesmo de forma saudável e amar ao próximo como amo a mim mesmo. E então as mudanças seguem acontecendo! Acabarei abandonando ideias, hábitos e atitudes e assumindo posturas novas. Novas atitudes e novas escolhas tornam-se substituem as velhas. Não é uma jornada pacífica. Envolve escorregões, angústias, dúvidas (até sobre Deus) e, devemos admitir, algumas voltas ao passado, reeditando a velha vida que deveríamos abandonar. Mas também experimentamos muito perdão, graça e misericórdia de Deus para conosco. A parte histórica é quebrada e refeita várias vezes. Mas nossa união com Deus não. Como disse, é inquebrável. E isso é o que garante tudo! E então podemos ter certeza: seremos levados a ser nova criação. Graças a Deus!

*ucs*

SÁBADO, 13 DE FEVEREIRO

FUNDAMENTAL E INPRESCINDÍVEL

*“Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal; vivam como servos de Deus.” (1 Pedro 2.16)*

Acredito de todo meu coração que a proposta cristã para a vida humana é a liberdade e seu poder, o da fé cristã, está no amor. Não entendemos muito bem nem de uma nem de outra coisa. Não sabemos ser livres e não sabemos amar. Mas na fé cristã podemos crescer tanto numa quanto noutra. A liberdade é condição indispensável à nossa natureza, para que possamos nos constituir verdadeiramente como seres humanos, assim como o amor. O amor sustenta a liberdade e a liberdade purifica o amor. O amor faz da liberdade ao maior que a independência e faz do amor mais que paixão e interesse. Deus nos fez para sermos livres e para amarmos. Ele é livre e cheio de amor. Creio que Deus escolheu nos amar para nos manter livres e nos ensinar a amar.

Nasci num família cristã em que, desde cedo, aprendi sobre Deus. Aprendi que Ele está em todo lugar e que não há esconderijo capaz de ocultar-me dele. Depois li isso nas Escrituras (Sl 139). Aprendi sobre Seu poder sem limites para fazer a própria vontade sem impedimentos e também li sobre isso nas Escrituras (Rm 9.18-19). Aprendi e li nas Escrituras sobre o modo belo como Deus nos criou e como criou o mundo para nós e nós para o mundo (Gn 1.26). E aprendi, li nas Escrituras e experimentei o amor de Deus (Jo 3.16). E Seu amor fez-me ve-lo como meu amigo. Com Seu amor conheci Sua paciência, graça e tudo mais de que tanto preciso. Passei a estranhar o medo, a opressão e a ameaça. Elas não caracterizam Deus! As vezes percebo Sua firmeza comigo, mas não sem perceber antes, durante e depois, Seu amor. Ele não é opressor e nem sedutor. Com Ele sei que sou, de fato, livre.

Ser livre é muito bom e ser amado é imprescindível. Ele proporciona-me as duas coisas. Tomo decisões as mais variadas, diariamente. Há vezes em que acabo concluindo que contrariei Sua vontade. Outras, antes mesmos de tomar a decisão, já tenho clareza de que não estou indo na direção que deveria. Posso recuar ou seguir em frente. Sou livre. Algumas vezes recuo, outras, sigo em frente. Ele continua me amando, mas eu me sinto menos livre e menos amoroso quando ignoro Sua vontade. Não creio que Ele mude ou se afaste. Eu é que mudo e me sinto longe, mesmo sabendo que Ele está bem perto. E é vivendo e sendo livre assim que, dia a dia e amorosamente, Ele me ensina a viver, sob a benção da liberdade e do amor. Pouco a pouco vou mudando e cada vez mais me convenço: ser livre é fundamental e amar, imprescindível!

*ucs*

DOMINGO, 14 DE FEVEREIRO

A VIDA E SUAS PORTAS

*“Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram.” (Mateus 7.13-14)*

Jesus usou contrastes muitas vezes em seus ensinos: morte e vida, luz e trevas, amor e ódio. Nestes versos Ele falou da porta estreita e da larga, aconselhando-nos a escolher a estreita. A que naturalmente não escolheríamos. Ela está associada a um caminho apertado. É a porta que não queremos, mas que leva ao fim que queremos. A porta que nos atrai é de outro tipo. É larga, associada a um caminho amplo. É a porta que queremos, mas que não nos leva aonde queremos. Jesus nos colocou diante de uma importante questão: considerar o fim das coisas e o resultado, e não apenas a facilidade e o prazer. A vida nem sempre é o que parece ser e corremos o risco de só descobrir isso depois. Por isso pensamos: como seria bom viver o ontem com a cabeça que temos hoje! Neste texto Jesus não está falando apenas de eternidade, mas também da vida aqui.

Com o enigma das portas Jesus questionou nossos critérios para a vida. Em sua perspectiva, para não lamentarmos as escolhas será necessário superar dois desafios: o da sedução e o da influência. A sedução está relacionada ao que nos atrai – a porta larga. Riquezas, beleza, poder, prazer e seus derivados compõem o conjunto de forças sedutoras nesta vida. A influência está relacionada ao poder da maioria – o caminho espaçoso. O restaurante mais frequentado normalmente tem a melhor comida! Embora na gastronomia possa até ser verdade, na vida, muitas vezes não é. Jesus está nos avisando que precisamos de mais referenciais que nós mesmos e os outros. Precisamos de Deus. Não se trata apenas de facilidades ou dificuldades, mas de sermos nosso próprio guia ou viver pela fé e andar com Deus.

Mesmo como religiosos, submetendo-nos às restrições previstas em nossa fé, podemos estar no caminho largo. Neste caso, seria o largo do pior tipo, pois nem mesmo seria prazeroso. A porta estreita e o caminho apertado são realidades interiores, que nos redefinem e nos inspiram a ser bondosos num mundo mal. A ser amorosos, gratos, generosos e coisas como estas, que nos lembram o fruto do Espírito Santo (Gl 5.22-23), num mundo dominado por outros frutos. É fácil pensar que as dificuldades e sofrimentos definem a porta estreita e a leveza e o divertimento a outra. Porém, não se trata disso. A porta estreita é a porta do seguimento a Cristo e sabemos que estamos nela quando amamos a Deus e ao próximo. Ela nos leva a um caminho em que há dores e prazeres, alegrias e tristezas. Andar nele não nos faz anjos, nos faz humanos. Não implica em negar a vida no mundo, mas vive-la inspirados pela presença e amor de Deus.

*ucs*

SEGUNDA, 15 DE FEVEREIRO

PERTENCER A CRISTO

*“E vocês também estão entre os chamados para pertencerem a Jesus Cristo.” (Romanos 1.6)*

Ser cristão tem a ver com pertencimento. É o que o apóstolo Paulo estava ensinando aos cristãos de Roma no primeiro século. E este é um importante aspecto da fé cristã. Pertencer a Cristo tem a ver com estar sob Seus cuidados e receber de Sua graça e amor. O pertencimento não é uma imposição, mas um chamado, uma vocação, que se dirige a todos nós (Jo 3.16). É algo que nos é possível como uma dádiva, como um favor sem merecimento, mas que podemos rejeitar. Que pode nos levar ao melhor de nossa vida neste mundo marcado por cousas ruins. Mas que podemos desprezar por falta de fé ou de submissão. Por achamos uma grande loucura esse negócio do amor de Deus e da morte de Jesus. Ou por nos iludir, achando que somos capazes de, por nós mesmos, dar completo sentido à nossa existência.

Pertencer a Cristo significa ser levados a conhecer o quanto somos amados por Deus. A vida por aqui não é totalmente segura. Não sabemos o que virá e coisas ruins podem nos alcançar. Podemos dizer que a vida por aqui não é justa e tantas vezes é frustrante. Há um livro na Bíblia que concorda com isso – Eclesiastes. Ele descreve que, nesta vida, nem sempre o melhor vence, nem sempre o justo tem alimento e há ímpios e maus prosperam. Pertencer a Cristo não significa que estaremos livres disso, mas que podemos enfrentar e superar tudo isso. O mal atua neste mundo e também em nós. Paulo falou de suas fraquezas e incapacidade de ser tão bom quanto gostaria (Rm 7). E ele pertencia a Cristo! Portanto, pertencer a Cristo não faz de uma pessoa alguém completamente resolvido, mas certamente nos levará a ser pessoas amadurecidas.

O pertencimento a Cristo nos melhora como nada neste mundo pode nos melhorar. Afinal, pertencendo a Cristo somos reconciliados com Deus (Rm 5.1), podemos crescer a aprender, mesmo com dores e perdas (Rm 8.28). Somos levados a olhar para vida com novos olhos. A ver e valorizar o que está oculto ao olhar da maioria das pessoas. Pertencendo a Cristo aprendemos a lidar de forma nova com a vida, suas injustiças e dores e, apesar de pesares, somos vitoriosos (Rm 8.37). Nesta vida a questão não é ter, é pertencer e pertencer a Cristo. Pertencendo a Ele somos levados a ser pessoas cujo coração está sendo refeito. Valores, prioridades e princípios serão revisados. E seremos desafiados e viver com novas atitudes e propósitos. É por isso que cristãos cantam: Jesus Cristo mudou meu viver!

*ucs*

TERÇA, 16 DE FEVEREIRO

DE DENTRO PARA FORA

*“Não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é meramente exterior e física. Não! Judeu é quem o é interiormente, e circuncisão é a operada no coração, pelo Espírito, e não pela lei escrita. Para estes o louvor não provém dos homens, mas de Deus.” (Romanos 2.28-29)*

O Antigo Testamento narra a manifestação de Deus na história, especialmente na história do povo judeu. Embora Deus tenha se manifestado também a outros povos, é a história do povo judeu que domina o relato bíblico, que aparece como o “povo de Deus”, a quem Deus protege, defende, guia e conduz. Mais adiante, com a formação da igreja, já no Novo Testamento, ela passou a ser identificada como “povo de Deus”. O apóstolo Pedro, em princípio um defensor da fé judaica como identificadora do povo de Deus, mais tarde abriu mão dessa perspectiva e declarou aos cristãos, judeus e gentios (não judeus): “vocês são a geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus” (1 Pd 2.9). Estes termos eram antes aplicados exclusivamente aos judeus. Paulo é o precursor dessa compreensão e, em seu ensino, vai ainda mais longe que Pedro.

Valendo-se da figura do judeu e da circuncisão, judeu como “povo de Deus” e circuncisão com símbolo de “aliança com Deus”, Paulo diz que a verdadeira identidade espiritual do “povo de Deus” é interior e não exterior. Não há símbolo, rito ou cerimônia que faça de uma pessoa “povo de Deus”. Alguém que pertence a Deus, é Seu povo, é alguém cuja identidade vem de dentro, do coração. Uma identidade autenticada, validada, pelo próprio Deus. Em última análise, não se trata do que eu digo sobre mim ou você, mas do que Deus diz. Nem os ritos e os costumes judeus e nem os ritos e os costumes cristãos podem reconciliar pessoas com Deus. Ainda que derivem das Escrituras, não é a prática de tais ritos ou costumes que nos tornam “povo de Deus”. Ainda que observados rigorosamente, se não formos objeto da ação de Deus por meio do Espírito Santo, mudando-nos de dentro para fora, isso não passará de mera religiosidade.

Mas quando cremos no amor de Deus revelado em Cristo Jesus e a Ele nos entregamos pela fé, somos envolvidos numa ação realizada pelo próprio Deus em nossas vidas. Paulo diz que é a “obra de Deus em nós” (Fl 1.6). Uma obra que jamais fica incompleta e que segue ao longo de toda a nossa vida. Um processo amoroso e delicado, feito por Deus, mudando-nos de dentro para fora, fazendo-nos novas pessoas, com novas perspectivas e atitudes. Uma compreensão da vida que alimenta a paz e o sentimento de segurança, independente das circunstâncias, se estabelece. Como disse Paulo: por saber em quem creio não tenho medo do final! (2Tm 1.12). Por causa de Deus a vida torna-se outra! Eu torno-me outro (2Co 5.17) que, na verdade, revela-se o meu verdadeiro “eu”. Ritos e cerimonias não tem o poder de fazerem isso. Só Deus, que graciosa e amorosamente, muda-nos. Interiormente. Dia a dia. E para melhor.

*ucs*

QUARTA, 17 DE FEVEREIRO

DEUS TEM AMIGOS PECADORES

*“Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.” (Romanos 3.21-24)*

A fé cristã coloca em pauta a vida humana, sob uma angulo nem sempre presente no cotidiano. Ela discute nossa condição diante de Deus, o Criador. Ao unir seres humanos e Deus no mesmo assunto, pecado e graça aparecem. Nossa parte é a do pecado e a de Deus, a graça. O pecado é universal – todos pecaram. Logo, todos somos pecadores. Há pecadores cultos e pecadores analfabetos. Há pecadores de coração sensível, que preocupam-se com o semelhante, e há os insensíveis e hostis. Há pecadores que dirigem carros confortáveis e caros, enquanto outros andam de ônibus, de bicicleta ou mesmo à pé. Alguns se vestem e comem muito bem. Outros andam em trapos e estão desnutridos. Por fora parecem muito diferentes, mas são todos pecadores. E o que isso significa?

Significa que, em qualquer das condições acima, vamos lidar mal com a vida. Ser pecador é lidar mal com a vida, consigo e com o outro. É desonrar a Deus por atos, sentimentos e pensamentos. O vazio e a falta de sentido consequências do pecado. Não confunda isso com depressão, que pode ter muitas outas raízes e gerar falta de sentido e vazio! A falta de sentido e o vazio por sermos pecadores pode ser sentida, mas não é um sentimento. Há pessoas vivendo vidas vazias e sem sentido e que não sentem nada a respeito. Mas em algum momento “a ficha cai”. E é uma benção quando cai a tempo de recuperar o tempo perdido. O Espírito Santo, disse Jesus, convence-nos do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). Ele faz a “ficha cair” e então percebemos que falta vida em nossa vida.

Podemos tentar resolver isso ajustando nosso estilo de vida para um mais sensato, mais marcado por bondade que ganancia por exemplo. Um bom ajuste! Mas precisamos também da graça de Deus. Ela anuncia o amor de Deus por nós e Sua disposição em nos receber como Seus, nos perdoar, nos melhorar e jamais afastar-se de nós. É andando com Deus e aprendendo a nos submeter a Ele que nos tornamos verdadeiros seres humanos. Pela graça somos regenerados! Ainda precisaremos tomar decisões e fazer ajustes, mas contaremos com Seu amor e perdão, o que é fundamental para todo pecador. A fé cristã é a fé dos pecadores que andam com Deus. Deus tem amigos pecadores! Jesus nos trouxe a graça que possibilita tudo isso. E aí o amor vai criando raízes em nós e o pecado vai perdendo espaço e poder. Não há como a vida não melhorar. Ainda que continue a mesma!

*ucs*

QUINTA, 18 DE FEREVEIRO

PERSPECTIVAS CRISTÃS

*“Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.” (Romanos 5.1-2)*

A fé cristã nos propõe perspectivas, formas de olhar a vida. Um jeito novo de viver a vida. O centro de tudo é Deus e somos desafiados a crer. Deus nos ama e no mais sublime ato histórico de Seu amor enviou Jesus(Jo 3.16). Sua vinda foi a prova do amor sem medida que Deus tem pelos seres humanos. Foi assim que Paulo entendeu e explicou aos cristãos de Roma(Rm 5.8). Eu e você estamos incluídos neste amor. Jesus veio por todos, mas também por cada um de nós. Ele veio por mim e por você, porque Deus nos amou. Jesus entregou-se em sacrifício por nós. Se não entendemos o amor de Deus (e não entendemos), mais confusos ainda ficamos com o sacrifício de Cristo. As Escrituras dizem que Ele morreu como o Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo(Jo 1.29), numa alusão ao sistema religioso judaico descrito no Antigo Testamento. Os primeiros leitores do Evangelho entendiam esta figura com mais facilidade que a entendemos hoje.

Depois de ir ao sacerdote com um cordeiro e confessar seus pecados, em obediência à Lei descrita por Moisés, o israelita do Antigo Testamento voltava para casa em paz com Deus. O sacerdote sacrificava o cordeiro, que morria no lugar do pecador. Jesus é o nosso Cordeiro de Deus entregue por nós. Nós não o levamos a Deus, Ele o trouxe a nós. Ele próprio fez a oferta por nossos pecados. O israelita repetia o sacrifício inúmeras vezes ao longo da vida. O Cordeiro de Deus foi sacrificado uma única vez e abriu a porta da graça, definitivamente, para que pecadores sejam perdoados(Hb 9.12). Tudo isso olhado de onde estamos, em pleno século 21, cheio de nossa própria lógica e racionalidade, é muito estranho! Somos desafiados a viver pela fé no Filho de Deus que se entregou por nós. E é como podemos viver em paz com Deus e ter esperança.

A paz com Deus, ou amizade com Deus, ou qualquer outro termo que usemos para expressar um relacionamento harmonioso com Deus, não é possível por meio de nosso próprio esforço ou auto aperfeiçoamento. Se fosse teríamos recebido as regras para seguir e pronto. Mas não é, pois não daríamos conta! Ser pecador é algo para além do comportamento. Afeta nosso interior e corrompe nossas intenções e motivações. Podemos impressionar pessoas com nossos atos de bondade, mas Deus vê o coração. E vendo, diz: “Minha graça te basta” (2Co 12.9). Ele faz as pazes conosco primeiro e depois nos aperfeiçoa. Isso é amor! Sua graça é um dom de Seu amor! E, amados graciosamente, podemos superar nosso comportamento como pecados e agirmos melhor. A fé cristã muda perspectivas e comportamentos. As mudanças não são uma condição, são uma consequência. Parece-nos estranho, mas é assim o Evangelho.

*ucs*

SEXTA, 19 DE FEVEREIRO

O BATISMO CRISTÃO

*“Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova.” (Romanos 6.4)*

O batismo é um dos ritos identificadores do cristianismo. Um rito é uma cerimônia, no caso do batismo, religiosa. Ele é representativo de algo e não é o algo em si. No caso do batismo cristão, ele é o símbolo de uma mudança radical e anuncia diversas outras mudanças em potencial. A mudança radical é a mudança da razão de nossa vida, melhor dizendo, do que se constitui o fundamento de nossa existência. O batismo é uma declaração simbólica de que estamos comprometidos pela fé com Cristo Jesus e que vamos aprender a viver como Seus seguidores. Declara que acreditamos que somos amados por Deus e que Ele nos recebeu como filhos. Declara que estamos decididos a não fazer mais apenas nossa própria vontade, nem seguir apenas nosso próprio coração.

Declara que acreditamos no perdão dos nossos pecados por meio do sacrifício de Cristo e que agora temos plena consciência de que somos pecadores. Esses são exemplos da mudança radical que o batismo anuncia. E, em decorrência delas, outras estarão a caminho. Paulo disse que, no batismo, somos sepultados e ressuscitamos: o batismo cristão anuncia morte e vida. Anuncia uma poderosa ação de Deus em nossa vida, capaz de tornar sem efeito um passado e dar nova direção ao futuro. A vida cristã envolverá sempre esse processo de morte e vida, abandono do passado e reorientação do futuro. Esquecer o que passou e prosseguir para algo novo. O que fica e deve morrer e ser esquecido é tudo que não contou com a presença e a graça de Deus. O que devemos buscar é a realização da amorosa obra de Deus em nós e através de nós (Fl 1.6).

A vida nova que o batismo anuncia é tanto algo de que nos apropriamos como algo que apropria-se de nós. Nos apropriamos dela à medida que nos submetemos a Deus por amor e gratidão. E precisa ser por amor. Deus nos amou e a resposta a esse amor é amá-lo de volta! Por causa da graça não precisamos tentar merecer e assim podemos aprender a amar. Por causa da graça, ou recebemos sem merecer e sem tentar merecer, ou não recebemos. E assim, pela graça, a nova vida vai se instalando e nos inspirando a novas atitudes. Mas, especialmente, a novas motivações. Nossa vontade conta e está envolvida, mas não sem a vontade de Deus. Precisamos lutar, mas dependemos do auxilio de Deus e de Seu cuidado. Na vida cristã nada podemos sozinhos e com Ele tudo podemos (Fl4.13). E assim, coisas velhas passam e novas surgem(2Co 5.17). É disso que o batismo fala.

*ucs*

SÁBADO, 20 DEFEVEREIRO

GRAÇA ESCANDALOSA

*“Miserável homem eu que sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! De modo que, com a mente, eu próprio sou escravo da lei de Deus; mas, com a carne, da lei do pecado.” (Romanos 7.24-25)*

*“Tu me perdoas? Mesmo sabendo o que eu fiz? Importa-te comigo? Mesmo sabendo quem sou? Lanças meus pecados num “mar” chamado esquecimento? Não compreendo estes conceitos. Não entendo este amor que alguns chamam de graça. Devo acreditar nisso? Só acredito no ar e ainda assim me queres? Só penso em mim mesmo e ainda me buscas? Isso parece fantasia de almas perturbadas pela culpa. Mas é por mim que te humilhas. Derramas teu próprio sangue. Por mim? Não chegaste ao endereço errado? Eu digo que não quero, nego esta atração que sinto. Não posso crer no que não vejo. Como acreditar em algo que não posso tocar? Tu me perdoas? Mesmo sabendo o que eu fiz? Importa-te comigo? Mesmo sabendo quem sou? Lanças meus pecados num “mar” chamado esquecimento? Sou dono de mim mesmo. Senhor dos meus desejos. Um dia tudo acaba. Preciso viver intensamente estes dias de prazeres que não quero que acabem. Não há vazio algum! Meu coração está cheio e quando preciso vou e busco a qualquer custo o que ele precisa. Não compreendo estes conceitos. Não entendo este amor que alguns chamam de graça. Devo acreditar nisso? Não posso mais resistir. Chega de me auto-enganar. Basta! Entrego-me a ti. Sou culpado e não o Senhor. Abraça-me! Teu nome me faz tremer. Jesus! Jesus! Entra na minha casa, na minha vida, na minha história, me apruma. Este vazio que sempre neguei existe! Aceito esta escandalosa graça que me acolhe, que me transforma. Aceito esta escandalosa graça que me torna escândalo também. Mais um ao pé da cruz. Mais um... escandalosamente Feliz!” (A ESCANDALOSA GRAÇA DE DEUS - Willian Vicente Borges)*

Um miserável sob a graça é digno aos olhos de Deus. Um digno sem a graça, é um miserável. Um miserável tentando ser digno por si mesmo torna-se um hipócrita, assim que amadurece. E será mesmo um hipócrita, a menos que abandone esse jogo humano da suficiência, aprendido na escola da religiosidade. Até lá, como um miserável imaturo tentando por si mesmo ser digno, revela-se um réu com síndrome de juiz, um pecador que não acredita que é assim, tão pecador. Alguém culpado daquilo que julga os outros e nem percebe isso! É o Jesus gracioso do Evangelho quem nos faz dignos aos olhos de Deus. Uma dignidade que nos conscientiza: somos miseráveis! E seguimos assim pela vida: miseráveis dignificados; admirados, como Paulo, de que duas realidades tão distintas habitem um só ser. Miseráveis livres pela graça de Cristo.

Um “miserável sob a graça” já é filho amado de Deus embora seja ainda um pecador e seja capaz de trair o amor que recebeu. Mas isso não é toda verdade. A melhor parte é que, quando a miséria e a graça se encontram, a graça prevalece e supera a miséria. É a justiça operando por meio da misericórdia – algo que não entendemos. Será que Paulo entendia esses mistérios da graça e do amor de Deus? Creio que não. Willian Borges confessou: “Não compreendo estes conceitos”. Eu me uno a eles e a tantos outros e com eles agarro-me ao frágil fio da fé. É o bastante. Fico com a escandalosa graça. Analisada, parece loucura: diz ao pecador que não se preocupe. Experimentada, sustenta, capacita e muda o pecador. Apesar do que somos, do que não somos e do que gostaríamos ou deveríamos ser mas não conseguimos, somos livres. Por causa da Graça. Graça Escandalosa!

*ucs*

DOMINGO, 21 DE FEVEREIRO

ORE MAIS

*“De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto, onde ficou orando.” (Marcos 1.35)*

A Bíblia tem o registro de muitas orações. Ana orou angustiada porque não tinha filhos. Jacó orou pedindo que Deus o fizesse bem sucedido em sua jornada à casa dos parentes de sua mãe. Davi orou por vitórias em suas lutas, confessando seus pecados e adorando a Deus. Encontramos muitas de suas orações nos salmos que escreveu. Paulo e Silas oraram juntos enquanto estavam presos. A lista é enorme. Para mim, os mais importantes registros de oração referem-se a Jesus. Há registros de Jesus levantando-se de madrugada para orar. Houve ocasião em que ele passou a noite inteira orando (Lc 6.12). Por que Jesus orava tanto e o que significava a oração para Ele? Há apenas uma oração de Jesus que ficou registrada. Ele a repetiu três vezes, dizendo as mesmas palavras: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice; contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42).

Nas Escrituras e na história pessoas oraram e oram por sentirem-se necessitadas. Nossas fragilidades e problemas nos levam a orar. O medo nos leva a orar, bem como a dor e a angústia. Quereremos respostas e sabemos que Deus as tem para nós. Então oramos! Alguns dizem que nada melhor do que uma boa dificuldade para que oremos. Jesus ofereceu aos seus discípulos uma oração modelo, que todos conhecemos. Nela há pedidos, compromissos e adoração. Antes de ser preso e crucificado, Jesus levou Tiago, João e Pedro para o Getsêmani e pediu que orassem, enquanto Ele próprio se afastaria um pouco para orar também. Mas eles dormiram. Jesus então lhes disse : “Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.”(Mt 26.41). Jesus via o que eles não viam. Tempos difíceis haviam chegado, mas eles ignoravam isso.

Somos míopes para a vida. Jesus não. Não temos clareza dos reais desafios que nos envolvem e o quanto nossa natureza humana é frágil e suscetível ao mal. Jesus tinha. Estamos sempre atrasados para orar. Oramos para remediar e quase nunca para prevenir, como aconselhou Jesus. Oramos em busca de nossa vontade e temos dificuldades em nos submeter à vontade de Deus se ela contraria a nossa. Precisamos orar mais e precisamos orar melhor. E não sei se chegaremos a orar melhor sem que nos dediquemos a orar mais. Mas talvez devamos usar menos palavras e ao usarmos, que elas falem de nossa alma. Talvez devamos tentar escutar mais e escutar melhor, tendo o cuidado para não confundir a voz do nosso coração com a de Deus. Mas tudo isso só será possível se orarmos mais. Não devemos esperar a dor. Já temos razões bastantes para orarmos mais.

*ucs*

SEGUNDA, 22 DE FEVEREIRO

ESCOLHA A ALEGRIA

*“Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi: alegrem-se!” (Filipenses 4.4)*

A alegria é uma ensino constante nas cartas do apóstolo Paulo. Os cristãos do primeiro século viveram momentos muito difíceis, com muitas perseguições. Eles não tinham livrarias cristãs, sites cristãos, uma infinidade de templos e celebrações para escolher qual delas frequentar. Eles não tinham a Bíblia como a temos hoje e nem esses milhares de músicas e textos, frases e *blogs*. Eles tinham as histórias sobre Jesus e, quando possível, as cartas de algum apóstolo. Eles precisavam ficar unidos e encorajarem-se mutuamente. Eram em sua maioria esmagadora pessoas muito pobres, muitos deles eram escravos. Mas, ainda assim, alegrar-se era um mandamento. Não deveriam ficar abatidos diante da vida porque eram amados por Deus e haviam sido alcançados pela graça de Cristo que lhes dava esperança.

Estamos 21 séculos depois e cheios de templos, livros, *blogs*, sites, músicas, pastores, apóstolos, bispos... e tudo nos parece tão pouco. E de fato é. Nossa fé se diluiu e ficou muito rala. Não sustenta. Não sabemos enfrentar a vida sustentados pela graça. Duvidamos do amor de Deus quando coisas ruins acontecem. Nos sentimos miseráveis de um jeito errado. Não por sermos pecadores, como Paulo se sentia (Rm 7.23), mas por não termos o que gostaríamos. Precisamos redescobrir a alegria cuja fonte é Deus e que Jesus trouxe para nós. Ele veio para que tenhamos vida abundante (Jo 10.10). Ele nos trouxe a graça que supera o poder e a presença do pecado (Rm 5.20).

Por isso Paulo disse aos irmãos filipenses: “alegrem-se sempre no Senhor!” E enfatizou, repetindo. Ele disse o mesmo aos irmãos tessalonicenses: “Alegrem-se sempre!” (1Ts 5.17). Paulo não disse isso porque sua vida era ótima. Ele atravessou muitas dores e tristezas. O que estava ensinando era que a esperança cristã deve superar as incertezas da vida. Que a certeza do amor de Deus deve confortar nosso coração diante das dores e perdas. Como um piloto que persistentemente coloca o avião no curso, devemos persistentemente nos voltar para a Eterno Amor de Deus e assim superar o que, por aqui, nos aflige, entristece e rouba a paz. Como fazer isso? Andando diariamente com o Mestre. Orando e alimentando-se com os ensinos das Escrituras. Vivendo e partilhando a vida com irmãos de fé. Decidindo, diariamente, que o amor de Deus será mais importante para nós que as dores neste mundo. Alegre-se hoje no Senhor!

*ucs*

TERÇA, 23 DE FEVEREIRO

É INDISPENSÁVEL AMAR

*“Seja a amabilidade de vocês conhecida por todos. Perto está o Senhor.” (Filepenses 4.5)*

Se professamos a fé cristã, se nos declaramos cristãos, então nossa vida deve evidenciar as marcas de nosso compromisso com Cristo. Jesus deixou claro que não basta dizermos que somos seus seguidores, é preciso levar a sério seus mandamentos (Mt 7.21). Em outras palavras, nossa fé em Cristo nos faz cristãos se ela também nos leva à obediência a Cristo. Veja as palavras de Jesus: "Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo?” (Lc 6.46) Logo, faz parte da vida de fé o nosso aperfeiçoamento comportamental. Há atitudes que não são adequadas a um cristão e outras que necessariamente devem fazer parte de seu estilo de vida. A questão é: o que entendemos ser e não ser adequado? Muitos de nós fomos ensinados a nos diferenciar. Aprendemos que ser crente é não fazer alguma coisa que socialmente muitos fazem. Crente não bebe, não fuma, não joga, não dança... e assim por diante. Isso nos nivelou por baixo, enquanto prometia nos nivelar por cima!

Não quero entrar no mérito de cada uma dessas questões. Quero porém chamar sua atenção para algo que tem faltado entre nós: amor. Enquanto muita ênfase foi dada aos aspectos diferenciadores, pouca ou nenhuma ênfase se deu, no caso de muitos cristãos, ao amor que devemos dedicar a Deus e ao próximo. Isso fez com que muitos de nós nos tornássemos moralistas frios, vazios de amor. Pessoas que, em nome da moral cristã evitam certas coisas e ao mesmo tempo negam o amor e agem como juízes de seu semelhante. Pretendendo seguir a Jesus, nos revelamos seguidores dos fariseus a quem Ele resistiu e denominou de "sepulcros caiados" (Mt 23.37). Mais religiosos do que cristãos de fato. Pessoas que pouco entendem de pessoas e que lidam mal com a vida. E isso não é ser semelhante a Jesus. Seguir a Jesus deve nos tornar capazes para a vida e não avessos a ela. Capazes de amar os “pecadores”, e não juízes, como se não fôssemos pecadores.

Se somos cristãos não pode faltar amor em nossas palavras e atitudes. Jesus não nos quer como o sacerdote ou o levita, mas como o samaritano que amou e serviu ao homem à beira do caminho (Lc 10.33). A marca autenticadora da fé cristã é o amor, por isso Paulo disse que nossa amabilidade deve ser demonstrada a todos. Deus tem o direito de julgar a todos nós e de rejeitar a todos nós. Nós não temos esse direito. Muito menos em Seu nome! Ser cristão é ser um mendigo que encontrou pão e que deve contar isso ao outros mendigos. Nada pior que um mendigo que acredita ser padeiro! Deixemos todo juízo com Deus e, em respeito a Ele, sejamos amáveis com todos. Isso é ser cristão. Creia: nada nos faz mais cristãos e semelhantes a Jesus do que amarmos e sermos misericordiosos. Não deixe que sua “pureza” o afaste dos “pecadores”. Ela é apenas uma ilusão de sua religiosidade.

*ucs*

QUARTA , 24 DE FEVEREIRO

A ANSIEDADE COMO SINTOMA ESPIRITUAL

*“Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus.” (Filipenses 4.6)*

A ansiedade é um dos males mais presentes do nosso tempo. Talvez seja um dos males mais presentes em toda história humana. Paulo já tratava dela no primeiro século e o próprio Jesus ocupou-se da ansiedade humana. Ela é mais que um distúrbio emocional. Pode ser também um sintoma espiritual. Sintoma de que ainda não aprendemos a viver como Jesus nos orientou: confiem em Deus pois vocês são amados por Ele; vejam como Ele cuida dos pássaros e dos lírios! E vocês valem muito mais que eles para Deus! Busquem então o Reino em primeiro lugar e tudo mais vocês terão no seu devido tempo" (Mt 6.25-33). As pessoa naquele tempo já sofriam ansiedade porque ela habita a alma humana desde que nos iludimos, pensando que poderíamos dar contar de nossa vida sem Deus. Desde que nos iludimos, achando que saberíamos o que é mais importante e acabamos invertendo os valores da vida.

O estilo de vida cristão não combina com ansiedade, porque ele pressupõe que Deus está reorientando nossa vida! E se está, significa que estamos aprendendo a colocar a vida em ordem, começando em nosso mundo interior. Mas a ansiedade é persistente! E nossa falta de cuidado coopera com ela, para que nos domine.  Deixamos de fazer o que devemos e a ansiedade encontra espaço em nós. Esquecemos de buscar a Deus, ficamos ansiosos quando estamos diante do que não podemos controlar. Reinhold Niebuhr, teólogo americano, propôs a seguinte oração que ficou conhecida como a Oração da Serenidade: “Concedei-nos Senhor, serenidade necessária, para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguirmos umas das outras.” A ansiedade não é o que Deus quer para nós. Como cristãos podemos viver livres dela.

Podemos enfrentar a ansiedade e nos prevenir contra ela por meio da oração. Ela é uma das formas que temos para estar em comunhão com Deus e desfrutar Sua presença. Jesus orou de forma constante e dedicada. Quem pensamos ser para viver esquecidos de orar? Por que achamos que temos motivos que justificam nosso descuido com a oração? Devemos ouvir e seguir a orientação do apóstolo: levem suas suplicas a Deus e sejam gratos! Em Deus encontraremos sabedoria para que tenhamos atitudes apropriadas diante da vida! É assim que aprenderemos a descansar. Faremos o que nos cabe e, para tudo mais, estaremos certos de que é bastante para nós a Sua graça. Ele cuidará de nós! Chega de ansiedade!

*ucs*

QUINTA, 25 DE FEVEREIRO

A PAZ DE DEUS

*“E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo Jesus.” (Filipenses 4.7)*

A paz de Deus não é a única paz possível neste mundo. Há outras das quais podemos nos beneficiar. Mas a paz de Deus é a única paz verdadeira. As demais são circunstanciais. Podem nos faltar tão rapidamente quanto as circunstâncias mudam. Uma notícia, um acidente, um desentendimento, uma perda e lá se vai a paz que nos alegrava. A paz de Deus é de outro tipo.  A paz de Deus é a paz de quem sabe que está nas Mãos de Deus. Jesus, diante de Pilatos, disse: “Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado” (Jo 19.11). em outras palavras, “eu não estou em suas mãos Pilatos, estou nas mãos do Pai”. E Jesus alí, diante de acusações e sob a tutela do governante romano, estava em paz. Precisamos dessa paz e Deus a tem para nós. Uma paz que vem de Deus.

Ser cristão é, por definição, estar nas Mãos de Deus, pois significa entregar-se a Deus. Mas nem sempre é como vivemos ou nos sentimos. Somos frágeis e perdemos facilmente o equilíbrio. Somos também negligentes e não praticamos nossa vida de fé como deveríamos. Falta-nos a sabedoria de quem teme a Deus e sobra-nos a presunção de quem acha que O conhece. E aí, quando chegam as aflições, próprias desta vida como disse Jesus (Jo 16.33), ficamos perdidos. Para desfrutarmos a paz de Deus nesta vida de incertezas, precisamos de algumas certezas. A primeira é a certeza de que somos amados por Deus. E Ele já provou Seu amor por nós (Rm 5.8). Precisamos da certeza de que Deus sabe o que está fazendo, tem boas razões quando não faz o que pedimos, e que, mesmo quando não entendemos, podemos confiar em Sua vontade para conosco (Rm 8.28). Na teoria sabemos tudo isso. Mas, como se diz, na prática a teoria é outra!

Precisamos fortalecer nossas certezas, confirmando nossa entrega de vida a Deus. Isso envolve arrependimento, suplicas e angústias, pois escava nossa alma. Deus não se contenta com palavras e não aceita mentiras sobre nós. E temos muitas e muitas ilusões. Antes de dizer a Pilatos o que disse, Jesus havia orado: “não seja como eu quero, mas como Tu queres”(Mt 26.39). Como é difícil essa oração! Mas não há paz de Deus sem confiança na vontade de Deus. Ele sabe que nos falta isso, mas é amoroso e paciente. Ele sabe que somos pó! Ele é compassivo e cheio de misericórdia. Ele nos deu o Seu Espírito para nos guiar. Ele quer que tenhamos paz e não dependamos das circunstâncias para isso. Ande mais com Deus, entregue-se mais e confie mais. Um pouco de cada vez, mas de forma verdadeira. Ele mesmo fará Sua obra em nós e a completará (Fl 1.6), até que a paz de Deus nos guarde, coração e mente, em Cristo Jesus.

*ucs*

SEXTA, 26 DE FEVEREIRO

PENSE PARA A GLÓRIA DE DEUS

*“Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.” (Filipenses 4.8)*

O conjunto de versos desta primeira parte de Filipenses 4 tem como foco orientar-nos para lidarmos com a vida como pessoas cristãs. É como viveremos vidas cristãs. Paulo orienta aqueles cristãos, e a nós, sobre a alegria como um padrão para nossa vida. Devemos nos alegrar no Senhor – *“Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi: alegrem-se!” (Fl 4.4*). Nada deve nos impeder de mostrar amabilidade a todas as pessoas (v.5). Se dificuldades chegarem, devemos orar e apresentar a Deus nossas súplicas, com gratidão (v.6). E é dessa forma que a paz de Deus, que é incompreensível sem a fé, guardará nossos corações e mentes em Cristos Jesus (v.7). Finalmente, complementa Paulo, controlem seus pensamentos dirigindo-os de modo que Deus seja honrado com o que pensarem.

Chegamos então a uma dimensão de nossa responsabilidade como cristãos que muitas vezes ignoramos: a gestão de nossa mente. Jesus nos alertou sobre a importância disso, dizendo que, quando pensamos o mal, isso equivale a praticar o mal. Segundo Jesus, e Paulo mantém a linha estabelecida por Jesus, precisamos ser melhores gestores de nossos pensamentos. Precisamos julgar o que pensamos e decidir por pensamentos que agradam a Deus. Eles nos farão bem, contribuirão para nossa felicidade e para que a paz de Deus se estabeleça em nossa vida. Isso não é simples, mas veja, está aí, é nosso dever! “Não podemos impedir que um pássaro pouse em nossa cabeça, mas podemos impedir que ele construa um ninho nela”, diz o ditado. Não podemos evitar que certos pensamentos brotem, mas podemos evitar que cresçam e nos dominem.

Paulo nos orienta a, antecipadamente, decidir no que pensar e pensar o que for verdadeiro, nobre, correto, puro, amável, excelente e digno de louvor. Quanto melhor pensarmos, melhor viveremos e agiremos. Essa é uma batalha silenciosa, a batalha do manter uma mente saudável, e difícil, mas podemos vence-la. Ela acontece em nosso interior e, diariamente, pensamento a pensamento, é como a vencemos com a ajuda de Deus. Ser participante do Reino de Deus significa que precisamos pensar como pessoas submissas ao Rei. E talvez esteja neste lugar silencioso, mas tão poderoso, o mais desafiador campo de batalha em que precisaremos afirma: Jesus Cristo é Senhor aqui também! Que hoje, não apenas seus atos e palavras exaltem a Deus, mas também seus pensamentos.

*ucs*

SÁBADO, 27 DE FEVEREIRO

CAPACITADOS PARA VIVER

*"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve". (Mateus 11.28-30)*

*“Ah como é bom poder, aos pés da cruz, depositar este meu farto pesado e árduo de carregar. E não ter que andar ansioso de nada senão a Ele tudo entregar, em grata é súplice oração! E a paz de Deus, então, mente e coração guardará em Cristo Jesus. Ah! Como é bom poder, aos pés da cruz, depositar este meu fardo pesador e árduo de carregar. E não ter que andar ansioso de nada senão sobre Ele lançar cada problema, cada aflição! E a paz de Deus então, mente e coração guardará em Cristo Jesus!” (Vencedores por Cristo – Guilherme Kerr)*

Não é fácil viver, porque não se vive bem vivendo-se de qualquer jeito. Há formas ruins e boas de se viver e de enfrentar os desafios diários. Há maneiras erradas e certas de agirmos diante de problemas e no relacionamento uns com os outros. E acertar, agindo adequadamente e corretamente, exige mais que apenas saber o que é melhor ou correto. Como se diz, é preciso “dar conta” de fazer o que sabemos ser o certo e o melhor. E todos estamos sujeitos a limitações e a hábitos que muitas vezes tornam mais difícil seguir na direção correta. Somos pecadores! Mas Deus nos ama e Sua decisão foi aproximar-se de nós. Não precisamos seguir sozinhos. Ele pode nos capacitar para viver, tornando-nos pessoas dignas de vida que Ele nos dá – santidade! Seguir a Jesus é receber essa capacitação para existir e tornar-se alguém cuja vida honre ao Deus que nos ama.

Para o que não vai mudar Sua graça nos basta, como bastou para Paulo (2Co 12.19). Para aquilo que depende de Seu fortalecimento para que possamos ser capazes, essa mesma graça nos fortalece (Fl 4.13). Para aquilo que depende apenas de nós mesmos – e há coisas que dependem apenas de nós mesmos – Ele nos admoesta a sermos sábios, vivendo corretamente(Ef 5.15-16). Mesmo assim ainda falhamos. Mesmo assim ainda não vivemos vidas isentas de erro. Mas Ele nos ama, nos perdoa, nos acolhe e jamais nos abandona(Is 49.15). Deus é nosso amigo! Saber e crer nessas verdades não deve nos fazer pensar que podemos viver vidas irresponsáveis. Isso seria um engano terrível para nós. Há um Deus gracioso e amoroso e saber e crer nisso deve nos levar a completa entrega e submissão à Sua vontade. Diariamente Seus braços estão abertos para nós! Vivamos hoje com Ele e para Ele!

*ucs*

DOMINGO, 28 DE FEVEREIRO

PARA FAZER UMA GRANDE DIFERENÇA

*“Jesus olhou e viu os ricos colocando suas contribuições nas caixas de ofertas. Viu também uma viúva pobre colocar duas pequeninas moedas de cobre.” (Lucas 21.1-2)*

Os ricos e uma viúva. Lucas reuniu de um lado todos os ricos e do outro colocou, sozinha, apenas uma viúva pobre. Só o Reino de Deus possibilita comparações como esta! Todos estavam fazendo a mesma coisa, mas havia uma enorme diferença entre os dois lados. Um lado colocou muito nas caixas de ofertas, mas era pouco. Não envolvia de fato seus corações. Não havia amor no que estavam fazendo. Era resultado do poder que tinham. O outro colocou tão pouco que parecia nada, mas era muito, era tudo. Era tanto ao ponto de chamar a atenção de Jesus. Ele sempre vê o coração. Duas moedas de cobre eram dispensáveis, não fariam diferença alguma se pensarmos em termos monetários. Mas, se pensarmos com a mente de Cristo, foi o que de fato fez a grande diferença nas ofertas do dia!

Ter o coração adequado, agir movido por razões corretas, viver motivado pelo amor, não é algo simples e nem sem importância. E na perspectiva cristã é fundamental. Naturalmente e facilmente agimos como os ricos. Somos racionais e fazemos contas. Somos influenciáveis e agimos por interesses. Mas Jesus nos trouxe o Reino de Deus e as coisas precisam mudar em nossa vida. É preciso um novo coração. É preciso uma nova razão. E no centro das motivações deve estar o amor se no centro da vida está Jesus. No campo de nossa religião facilmente somos levados à obrigação. “Temos que” ir, “temos que” participar, “temos que” ajudar, “temos que” dar e, não fazer o que “temos que fazer” gera culpa, peso, remorso, dor. O que fazemos como cristãos está de que lado? Fazemos para fugir da culpa, por obrigação, ou fazemos por amor, com alegria?

Qual a nossa herança espiritual? A dos ricos ou a da viúva pobre? Não se trata do “quanto” ou de “o que” damos ou fazemos, mas de “como” e de “porque” damos e fazemos. Ela deu tudo em respeito e devoção a Deus. Ela tinha motivos para não dar, mas as razões para faze-lo eram maiores. Invejo aquela viúva e oro para que Deus melhore meu coração! “Tenho que” é tantas vezes um peso em minha vida! Quero outra forma de viver. Quero a benção da graça generosa de Deus. Hoje é domingo e quero a alegria de ir ao templo, de abraçar cada irmão e de orar. Quero me despir da obrigação e me vestir da devoção. Quero que minhas duas moedas de cobre chamem a atenção do meu Salvador. Que Ele se agrade de mim e que nos próximos dias, ao fazer, seja lá o que for, seja meu coração o mesmo pelo qual oro hoje. O que separa um cristão de um religioso é um segredo que habita nosso coração e faz muita diferença.

*ucs*

SEGUNDA, 29 DE FEVEREIRO

QUE RELIGIÃO É A SUA?

*“Todos os publicanos e pecadores estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: Este homem recebe pecadores e come com eles.” (Lucas 15.1-2)*

O Evangelho de Lucas inicia o capítulo 15 assim. Um capítulo peculiar. Nele encontramos três parábolas em sequência: a parábola da ovelha perdida – eram cem ovelhas e uma se perdeu; a parábola da moeda perdida – eram dez moedas e uma se perdeu; e a parábola do filho pródigo, ou esbanjador – eram dois filhos e um abandona o pai. Nas duas primeiras Jesus destaca a alegria, a festa, pela recuperação do que se havia perdido. Na terceira os ingredientes são muitos. Há muitas lições. Mas em todas elas Jesus está respondendo a crítica dos fariseus e mestres da lei. Eles, a partir de uma mentalidade tipicamente religiosa, forjada por ritos, normas e leis, consideram inadequados os relacionamentos de Jesus. E Jesus ensina que sua forma de agir nada tem a ver com a lógica humana, a lógica religiosa, mas com a graça e o amor divino pelo perdido.

Não é lógico tanta festa por uma ovelha em cem que é recuperada ou por uma moeda em dez. Mas Jesus nos deixa a suspeita de que não se trata de uma em cem ou dez, mas de alguém que se arrependeu para ser salvo em comparação com muitos que não compreendem que precisam se arrepender (Lc 15.7). E isso sempre foi algo que distanciou os religiosos judeus de Jesus – eles foram incapazes de perceber os próprios pecados. Eles se consideravam resolvidos por causa de sua religiosidade e julgavam os que não eram como eles como indignos. Apegados a este modo de pensar, admiravam-se que Jesus não julgasse do mesmo jeito. Eles não entenderam a graça e o amor.

Como você compreende a relação de Deus com os seres humanos? Como você compreende a sua relação com Deus? Segundo Jesus ela só existe porque Deus nos amou e veio a nós (Jo 3.16-18). Não existe merecimento ou mérito em nós e nem jamais haverá (Ef 2.8-9). Jesus veio a nós buscar os perdidos e perdoar os pecadores (Lc 19.10). Este é o único tipo de ser humano com quem Ele se relaciona, pois não existe outro tipo. De várias maneiras nos perdemos de Deus e desperdiçamos o que Ele nos dá: tempo, talentos, oportunidades, recursos... Mas Ele insistentemente nos busca (Ap 3.20). Ele quer mudar nosso coração(Ez 36.26) e nos ensinar a agir neste mundo de um jeito novo (2Co 5.17), como Ele agiu e ainda age: com amor, graça e misericórdia. É assim que Seu Reino se manifesta entre nós. É essa a sua religião? É assim a sua vida de fé?

*ucs*